



Centro Universitário de Brasília
Faculdade de Tecnologia e Ciências Aplicadas

Beatriz Feijó de Medeiros

A revista *brasília* e a mitificação da nova capital

Como a revista ajudou na construção da imagem de “Capital da Esperança”

Brasília
2012

Beatriz Feijó de Medeiros

A revista *brasília* e a mitificação da nova capital

Como a revista ajudou na construção da imagem de “Capital da Esperança”

Monografia apresentada para
conclusão do curso de Publicidade
e Propaganda do Centro
Universitário de Brasília.

Orientadora: Ursula Betina Diesel

Brasília
2012

Beatriz Feijó de Medeiros

A revista *brasília* e a mitificação da nova capital

Como a revista ajudou na construção da imagem de “Capital da Esperança”

Monografia apresentada para
conclusão do curso de Publicidade
e Propaganda do Centro
Universitário de Brasília.

Orientadora: Ursula Betina Diesel

Brasília, 26 de outubro de 2012

Banca examinadora:

Prof. Orientadora: Ursula Betina Diesel

Prof. Examinadora: Tatyanna Braga

Prof. Examinador: Bruno Nalon

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância da revista *brasília*, publicação mensal da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP), no processo de mitificação da nova capital. Para isso, faz um breve resumo da história da construção de Brasília e dos meios de comunicação durante os anos 50 no Brasil – como o rádio, a televisão e as revistas ilustradas. Traz informações sobre a revista *brasília*, tais como sua história, periodicidade e público alvo, além de fazer uma análise da revista e suas reportagens como mecanismos de mitificação e, ao mesmo tempo, como suportes à fala mítica. Aborda a importância da figura do autor e das falas na publicação e a sua responsabilidade em relação à fabricação de consenso.

Palavras-chave: Brasília. Revista Brasília. Juscelino Kubitschek. Mitificação. Meios de comunicação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 BRASÍLIA	8
1.1 Uma ideia que demorou a sair do papel	8
1.2 Os anos JK	10
1.3 Goiás antes de Brasília	12
1.4 A Cidade Livre e os candangos	13
2 COMUNICAÇÃO	18
2.1 Comunicação e governo	19
2.2 A comunicação no Brasil nos anos 50	20
2.2.1 O rádio	20
2.2.2 A televisão	21
2.2.3 As revistas ilustradas	22
3 A REVISTA <i>BRASÍLIA</i>	25
3.1 A revista <i>brasília</i> e suas seções	27
3.2 Nova direção, diagramação e projeto gráfico	29
3.3 A propaganda na revista <i>brasília</i>	31
3.4 A importância do autor em <i>brasília</i>	32
3.5 O mito	34
3.6 “Brasília foi expectativa antes de se tornar realidade”	36
3.7 A fabricação do consenso em <i>brasília</i>	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48
ANEXO A – TABELA DE SEÇÕES DA REVISTA <i>BRASÍLIA</i>	52

INTRODUÇÃO

A construção de uma capital no interior do Brasil está na cabeça dos brasileiros há séculos. O inconfidente Tiradentes, o jornalista Hipólito José da Costa e o estadista José Bonifácio, “Patriarca da Independência”, são apenas algumas personalidades da história do Brasil que defendiam a causa da construção de Brasília. Desde a Proclamação da República, em 1889, a interiorização da capital brasileira é cláusula na Constituição. Mas foi só em 1955, com a eleição de Juscelino Kubitschek à Presidência da República, que este sonho começou se tornar realidade.

O interior do Brasil era, naquela época, um vazio: a população concentrava-se quase que exclusivamente nas cidades litorâneas. O interior era um ermo, lugar onde só viviam bandidos, índios e animais selvagens. Muitos foram os que se posicionaram contra a construção da cidade em um lugar onde as estradas não chegavam, inclusive alguns veículos de comunicação, como revistas, jornais e rádios.

Foi para rebater as fortes críticas recebidas por essas pessoas e veículos que Juscelino Kubitschek ordenou a criação de um boletim mensal sobre as obras da nova capital, assim que elas começaram. Surgiu assim *brasília*, revista ilustrada onde eram publicadas todas as novidades da construção, com muitas fotos, entrevistas e artigos defendendo a empreitada. *Brasília* é o principal objeto de estudo deste trabalho.

Além de importante documento sobre a história da capital, o veículo pode ser também interpretado como mecanismo de mitificação de Brasília, assim como instrumento de suporte à fala mítica. A cidade, ao longo do tempo, transformou-se na “Capital da Esperança” no imaginário popular, em símbolo de desenvolvimento, integração e modernidade.

O objetivo geral deste trabalho é identificar os recursos usados pela revista no sentido de criar essa aura de “Capital da Esperança”. Os objetivos específicos são pesquisar sobre a história de Brasília e da revista *brasília* em livros, monografias, dissertações e teses. Além disso, pesquisar sobre os meios de comunicação no Brasil na década de 1950, assim como sobre mecanismos de mitificação, de

fabricação de consenso e sobre a importância do autor e de suas falas como mecanismos de controle de discurso. Por fim, encontrar no Arquivo Público do Distrito Federal e analisar os números 1 a 39 da revista – publicados antes da inauguração de Brasília. A questão a ser respondida ao longo deste trabalho é: “Como a revista *brasília* ajudou na construção da imagem de ‘Capital da Esperança’?”.

O capítulo inicial, contextual, apresenta uma breve história dos antecedentes da ideia da construção de Brasília e dos anos JK, falando em seguida sobre a imagem que os brasileiros da época tinham da região de Goiás. Continua com o início da construção e alonga-se até a inauguração da cidade, comentando o seu incrível crescimento populacional e o surgimento das cidades satélites.

No segundo capítulo, apresenta-se um resumo sobre o que é comunicação e comunicação governamental, além de uma síntese sobre os meios de comunicação no Brasil nos anos 50, época em que *brasília* era veiculada. Comenta-se brevemente o crescimento dos meios de comunicação na década, principalmente o rádio, a ainda incipiente televisão e as famosas revistas ilustradas, muito em voga na época, e que inspiraram a revista *brasília*.

No terceiro e último capítulo, entramos no objeto de estudo. Ele começa com informações sobre a publicação – sua história, os motivos de sua existência, periodicidade, público alvo, seções, diagramação, propaganda, etc. Em seguida, uma análise da mitificação de Brasília pelos meios de comunicação, baseada na esquematização do sistema semiológico segundo Roland Barthes. Por fim, é abordada a questão da autoria da fala segundo Michel Foucault, assim como a produção do consenso de acordo com Noam Chomsky.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho é, principalmente, a revisão teórica, acompanhada de análise documental. Todos os números da revista *brasília* podem ser encontrados – tanto as revistas físicas quanto em formato digitalizado – no Arquivo Público do Distrito Federal. Os 39 números tratados neste trabalho estão disponíveis no CD-ROM em anexo.

1 BRASÍLIA

1.1 Uma ideia que demorou a sair do papel

Em 21 de abril de 1960, os Três Poderes da República se transferem do Rio de Janeiro para uma nova cidade, no coração do Brasil: Brasília, empreendimento arriscado, criticada por muitos e construída em apenas 42 meses. Apesar de só ter saído do papel na segunda metade do século XX, a mudança da capital era comentada por intelectuais e políticos há muito tempo. No século XVII, o religioso baiano Frei Vicente de Salvador, na primeira *História do Brasil*, comentava que o país fora ocupado apenas ao longo do mar, “como se os colonizadores fossem caranguejos”, e que não se tinha ideia do tamanho do Brasil terra adentro¹.

Em 1763, principalmente motivada pelos interesses da mineração, a capital se transfere de Salvador para o Rio de Janeiro. Em 1789, em Vila Rica (atual Ouro Preto), um movimento de intelectuais, religiosos, militares e fazendeiros, que entraria para a história como Inconfidência Mineira, tinha entre suas propostas a transferência da capital para São João Del Rey (MG).²

Em 1808, com a vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro, a vulnerabilidade da capital a ataques marítimos leva o conselheiro e chanceler Veloso de Oliveira a aconselhar sua mudança para o interior. Em 1813, o jornalista brasileiro Hipólito José da Costa, radicado na Inglaterra, de onde edita o *Correio Braziliense ou Armazém Literário* – considerado o primeiro periódico brasileiro –, publica artigo apontando também as dificuldades de comunicação entre o Rio de Janeiro e outros pontos distantes da nação.³

Em 1821, o estadista José Bonifácio de Andrada e Silva defende a transferência da Corte para uma cidade não litorânea, também por questões de segurança e conveniência, e chega a sugerir nomes para a nova capital: Brasília ou

¹ COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 33.

² ANGELO, Vitor Amorim de. *Inconfidência Mineira: Movimento foi resposta aos excessos de impostos*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/inconfidencia--movimento-foi-resposta-ao-excesso-de-impostos.jhtm>, acesso em 26 ago. 2012.

³ COUTO, op. cit., p. 37.

Petrópolis.⁴ Sessenta anos depois, o padre italiano Dom Bosco tem uma visão que, nos anos 50 do século seguinte, inspiraria profundamente Juscelino Kubitschek:

O padre costumava ter sonhos proféticos e, num deles, ocorrido em 30 de agosto de 1883, previu de forma geograficamente precisa o local em que Brasília seria construída. O sonho é realmente arrebatador, pois traça o caminho até a chegada onde Brasília seria construída, passando por dentro da Floresta Amazônica, citando São Paulo e o Rio de Janeiro.⁵

O sonho de Dom Bosco preconiza que esta civilização “aparecerá em uma terra prometida, de onde fluirá leite e mel, e será de uma riqueza inconcebível”.⁶

A mudança vira cláusula na primeira Constituição da República, de 1891, que determina, no artigo 3º, a demarcação de uma área de 14.400km² para a nova capital, dando início a estudos e pesquisas para a escolha da sua localização. No ano seguinte, é criada a Comissão Exploradora do Planalto Central, conhecida como Missão Cruls, liderada pelo astrônomo e geógrafo belga Louis Cruls.

Segundo Ronaldo Costa Couto, em *Brasília Kubitschek de Oliveira*, o objetivo da missão era “proceder à exploração do Planalto Central da República e à consequente demarcação da área a ser ocupada pela futura capital”⁷. Cruls posiciona o quadrilátero no triângulo entre as lagoas Feia, Mestre D’Armas e Formosa, bem próximo ao sítio onde Brasília seria construída décadas mais tarde.

Em 1922, no centenário da Independência, o presidente Epitácio Pessoa manda assentar a pedra fundamental da nova capital no Morro do Centenário, em Planaltina (GO). A Constituição do Estado Novo, de 1937, não fala sobre o assunto, que só voltará à tona em 1946, na Assembleia Nacional Constituinte.⁸

À alternativa apontada pela Missão Cruls, aparecem duas novas opções: a cidade de Goiânia e a região do Triângulo Mineiro. A alternativa Cruls foi escolhida e, mais uma vez, a transferência da capital figura na Constituição. No mesmo ano, o presidente Eurico Gaspar Dutra cria a Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital do Brasil, conhecida como Comissão Poli Coelho.

⁴ COUTO, op. cit., p. 38.

⁵ MOURÃO, Tânia Fontenele; OLIVEIRA, Mônica Ferreira Gaspar de. *Poeira e batom no Planalto Central*. Brasília, 2010, p. 14.

⁶ SILVA, Ernesto. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. 3 ed. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1997, p. 39.

⁷ COUTO, op. cit., p. 45.

⁸ COUTO, op. cit., p. 47.

Em seu livro *História de Brasília – Um sonho, uma esperança, uma realidade*, o pioneiro Ernesto Silva, primeiro diretor da Companhia de Urbanização da Nova Capital (NOVACAP) diz que os resultados da missão, que ampliou em cinco vezes o quadrilátero Cruls, foram “relatórios especiais sobre o clima, a geologia, os solos para agricultura, as fontes de energia elétrica, o suprimento de água, a flora e a fauna, as comunicações”.⁹

Em 1953, Vargas, de volta ao poder, determina a realização de levantamento aerofotogramétrico da área delimitada pela Comissão Poli Coelho. O resultado, apresentado em fevereiro de 1955, define a área exata da nova capital.

Finalmente, reunida em 15 de abril de 1955, a Comissão de Localização da Nova Capital da República compara vantagens e desvantagens das cinco áreas prioritárias para a construção da cidade. Opta pelo Sítio Castanho, 25 quilômetros a sudoeste de Planaltina. Define também o perímetro do futuro Distrito Federal. Área: cerca de 5.850 quilômetros quadrados. Em maio de 1955, o marechal José pessoa manda fincar cruz de madeira no ponto mais alto, considerada marco fundamental da cidade. É na atual Praça do Cruzeiro [...]¹⁰

1.2 Os anos JK

Os anos que precederam a subida de Juscelino Kubitschek à Presidência da República foram politicamente tensos, culminando com o suicídio de Getúlio Vargas em agosto de 1954, em meio a diversas pressões políticas. De acordo com Boris Fausto, em seu *História Concisa do Brasil*,

Quando o cerco se apertou ainda mais, Vargas respondeu com um último e trágico ato. Na manhã de 24 de agosto, suicidou-se em seus aposentos no Palácio do Catete, desfechando um tiro no coração. O suicídio de Vargas exprimia desespero pessoal, mas tinha também um profundo significado político. O ato em si continha uma carga dramática capaz de eletrizar a grande massa.¹¹

Nas eleições presidenciais do ano seguinte, Juscelino venceu por margem estreita, com 36% dos votos, e a vitória foi seguida de uma campanha contra sua

⁹ SILVA, op. cit., p. 63.

¹⁰ COUTO, op. cit., p. 51.

¹¹ FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2009, p. 231.

posse, que acabou ocorrendo, em 31 de janeiro de 1956, mediante um “golpe preventivo”, uma intervenção militar.¹²

Início de 1956. Começa o governo Kubitschek. O clima político é tenso. Muito ódio, ressentimentos. Sequelas do suicídio de Vargas em agosto de 1954 e da recente tentativa de golpear a eleição do próprio Kubitschek em novembro de 1955 [...]¹³

A política econômica de Juscelino, com ênfase no desenvolvimento e na ordem, fora definida no Plano de Metas, conjunto de 31 metas para as áreas de educação, indústria, alimentação, transportes e energia. A construção de Brasília era a chamada meta-síntese de um programa pelo qual, segundo Juscelino, o Brasil avançaria “50 anos em 5”.¹⁴

A nova capital foi adicionada de última hora ao plano de governo, após um comício em Jataí, Goiás, durante a campanha. Após JK afirmar que cumpriria rigorosamente a Constituição, um morador perguntou se ele pretendia transferir a capital para o Planalto Central. O próprio Juscelino conta o episódio em seu livro *Por Que Construí Brasília*:

A pergunta era embaraçosa. Já possuía meu Programa de Metas e, em nenhuma parte dele, existia qualquer referência àquele problema. Respondi, contudo, como me cabia fazê-lo na ocasião: “Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição e não vejo razão por que esse dispositivo seja ignorado. Se for eleito, construirei a nova capital e farei a mudança da sede do governo”. [...] Até então, eu não me havia preocupado com o problema. Entretanto, a partir dali, e no desdobramento da jornada eleitoral – quando percorri o país inteiro – deixei-me empolgar pela ideia. Havia visto o Brasil de cima – de bordo de um avião – e pude sentir o problema em todas as suas complexas implicações. Dois terços do território nacional ainda estavam virgens de presença humana.¹⁵

A transferência, porém, era de grande importância estratégica para o presidente. A instabilidade política e o clima de agitação e golpismo no Rio de Janeiro criavam um ambiente de quase ingovernabilidade. Felizmente para Juscelino, a proposta não era mais novidade, e até o sítio exato já estava definido.¹⁶

¹² FAUSTO, op. cit., p. 233.

¹³ COUTO, op. cit., p. 51.

¹⁴ CARVALHO, Leandro. *Governo Juscelino Kubitschek*. Disponível em:

<http://www.brasilecola.com/historiab/juscelino-kubitschek.htm>, acesso em 27 ago. 2012.

¹⁵ KUBITSCHEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975. p. 8.

¹⁶ COUTO, op. cit., p. 195-199.

Após rápida tramitação, o Congresso Nacional aprovou, em 19 de setembro de 1956, a Lei 2.874, que criou a NOVACAP para acelerar a construção da nova cidade.

Em 1956, Kubitschek aprovou o estatuto da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP) – incumbida de empreender três grandes ações: 1) Estabelecer a localização, projetar e executar a urbanização e construção da futura capital e dispor dos imóveis do Distrito Federal, como previsto em lei; 2) Executar todos os serviços de competência federal, estadual e municipal e 3) Colocar em prática o que fosse necessário para cumprir os objetivos sociais previstos no estatuto, autorizados pelo seu conselho.¹⁷

No mesmo dia, foi publicado o edital do concurso para o Plano Piloto e, cinco dias depois, nomeados os três primeiros membros da diretoria: Israel Pinheiro, presidente; e Ernesto Silva e Bernardo Sayão de Araújo, diretores.¹⁸

Em dois de outubro, Juscelino Kubitschek visita o sítio da nova capital, junto com um grupo de ministros, governadores, militares, membros do governo e da NOVACAP e técnicos do Conselho de Desenvolvimento. Será a primeira de 225¹⁹ viagens que fará entre o Rio de Janeiro e Brasília até a inauguração.

1.3 Goiás antes de Brasília

O estado de Goiás era, àquela época, praticamente inexplorado. De acordo com Ronaldo Costa Couto, em *Brasília Kubitschek de Oliveira*,

No início dos anos 50 [...] goiano parecia coisa de lenda. Goiás era sobretudo sinônimo de sertão, um onde mais do que longe, quase despovoado, misterioso, fim de mundo. Esconderijo certo e seguro dos criminosos de morte de Luz e de outros lugares, um perdido impossível de achar [...], um longe onde nem a polícia ia.²⁰

A densidade populacional da região era de um habitante por quilômetro quadrado. Nas regiões litorâneas, a média era de 50 h/km². Num raio de 100 km a partir do ponto zero, atual Praça do Cruzeiro, quatro pequenas cidades não

¹⁷ MOURÃO; OLIVEIRA, op. cit., p. 18.

¹⁸ SILVA, op. cit., p. 131.

¹⁹ KUBITSCHEK, op. cit., p. 81.

²⁰ COSTA, op. cit., p. 87-88.

somavam 70 mil habitantes, e não existiam estradas asfaltadas nem ferrovias ligando-as às principais cidades do país.²¹

Muita gente duvidava da viabilidade do empreendimento. Os cariocas não queriam que a capital fosse transferida e consideravam o projeto absurdo. Os opositores acreditavam que as obras parariam na metade, e tudo seria transformado numa universidade.²²

A descrença era geral. Sorrisos amarelos afloravam nos lábios contraídos, após uma das minhas afirmações. Teria de dissipar aquela atmosfera de pessimismo, e nada melhor para isso do que um choque. O choque veio em seguida: era o prazo para a conclusão das obras – 3 anos e 10 meses. Brasília estava lançada. Era uma ideia em marcha. Para mim, nenhuma força seria capaz de detê-la.²³

1.4 A Cidade Livre e os candangos

Em dezembro de 1956, surge a Cidade Livre, núcleo pioneiro da construção da cidade, na confluência do Riacho Fundo com o córrego Vicente Pires, próximo à NOVACAP e distante dos canteiros de obras.²⁴ Com o incentivo da isenção de impostos e taxas, rapidamente aparecem hotéis, pensões, açougues, igrejas, bordéis, bares, etc. “Por volta de abril de 1957, já contava cerca de 10 mil habitantes”.²⁵

O Núcleo Bandeirante – que não tinha esse nome – era uma espécie de almoxarifado de Brasília. Era, ainda, o “pulmão de Brasília”, pois mantinha respirando a economia que se formava e havia opções de lazer, com seus bares improvisados [...]. Isso sem falar nas mulheres e nos rústicos restaurantes de cozinha regional e internacional.²⁶

As condições eram precárias, sem água encanada ou eletricidade. Apesar disso, é consenso entre os pioneiros que o clima no local era diferente de tudo que já tinham visto. De acordo com depoimento do Padre Roque, primeiro vigário da Cidade Livre, para a revista Espaço Pioneiro de dezembro de 1987, “havia uma

²¹ OLIVEIRA, Márcio de. *Brasília: o mito na trajetória da nação*. Brasília: Biblioteca Brasília, 2005, p. 69-75

²² *Ibidem*, p. 77.

²³ KUBITSCHKEK, op. cit., p. 48.

²⁴ SANTOS, Eustáquio; MENEZES & MORAIS; PANTOJA, Terezinha. *Audácia, perseverança e fé: a epopeia do Núcleo Bandeirante*. Brasília: Cidade, 1994, p. 21.

²⁵ COUTO, op. cit., p.112.

²⁶ SANTOS, MENEZES & MORAIS, PANTOJA, op. cit., p. 22.

alegria geral entre os trabalhadores, todos movidos pela esperança de construir um novo eldorado que pudesse representar uma nova oportunidade de vida”.²⁷

O ritmo de crescimento da região foi vertiginoso, como mostra Ronaldo Costa Couto, no seu livro *Brasília Kubitschek de Oliveira*:

Em 1^o de novembro de 1956, havia 232 operários em toda a área. Em fevereiro de 1957, ela já é vasto canteiro de obras, com cerca de três mil operários – os candangos – e mais de duzentas máquinas em atividade incessante. [...] Recenseamento do IBGE mostra 12,7 mil residentes em julho de 1957, ano da criação da Cidade Livre, depois Núcleo Bandeirante. Em 1958, quando nasce a cidade-satélite Taguatinga, a população de Brasília já é de 28,8 mil habitantes. Início de 1959: mais de 30 mil candangos e população total superior a 60 mil habitantes.²⁸

Em 1957, falava-se muito de Brasília no rádio. Segundo o pioneiro Hashimoto Massaro, “todo mundo ficava com vontade de ver o que era aquilo de verdade, porque tudo era parado no interior, e a gente precisava vencer na vida”.²⁹

Por que a população de Brasília e a de sua área de influência dispararam? Sobretudo pelo intenso fluxo migratório, claro. Puxado pelas desigualdades de renda, diferencial de qualidade de vida, oportunidades de emprego, de acesso à moradia e a serviços públicos. Afinal, há um oceano de pobreza e de falta de oportunidades e alternativas concentrado nas áreas e regiões mais subdesenvolvidas do país. Mas por que rumo a Brasília e sua área de influência direta? Pela atração natural que ela exerce como capital federal. Pela fama, força, glamour, luzes e brilho. [...].³⁰

O documentário de curta metragem *Brasília, contradições de uma cidade nova*, de Joaquim Pedro de Andrade, lançado em 1967 e disponível como extra no DVD de *Macunaíma*, fala sobre o fenômeno. “Na época da construção, o imigrante ganhava cinco vezes mais que no Norte e duas vezes mais do que no Rio ou em São Paulo.”³¹

Encontrar emprego era tarefa fácil, e um escritório do Departamento de Imigração e Colonização orientava os recém chegados. “Os caminhões os despejavam e os funcionários do Departamento davam-lhes comida e alojamento

²⁷ SANTOS, MENEZES & MORAIS, PANTOJA, op. cit., p. 68.

²⁸ COUTO, op. cit., p. 103.

²⁹ SANTOS, MENEZES & MORAIS, PANTOJA, op. cit., p. 64.

³⁰ COUTO, op. cit., p. 342-343.

³¹ BRASÍLIA, contradições de uma cidade nova. Direção de Joaquim Pedro Andrade. Brasília, 1967. DVD, 23 min.

(...) No dia seguinte, ainda cobertos de poeira, já estavam no trabalho.”³²

A rádio comunitária da Cidade Livre, de acordo com a pioneira Cleusa de Oliveira Menezes Senna, também “prestava serviços para quem precisava trabalhar e para as empresas que precisavam contratar trabalhadores”.³³ O pioneiro Alberto Pereira de Souza, em depoimento para o documentário *A Invenção de Brasília*, produzido pela TV Cultura, diz ter conseguido emprego em menos de 24h. “Cheguei sete horas da noite e quando foi o outro dia de manhã já tava com a mão na ferramenta.”³⁴

A facilidade não era só para encontrar trabalho. “A distribuição de lotes, a bolsa-escola e outras vantagens [...] estimularam a migração”³⁵. De acordo com as autoras Tânia Fontenelle Mourão e Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira, de *Poeira e Batom no Planalto Central*,

[...] a gente estava na hora do recreio e a nossa escola ficava bem perto da administração, e uma professora falou: corre, gente, que estão dando lote pra todo mundo (risos). Aí não deu outra: a gente pediu para a diretora e fomos lá tentar conseguir nossos lotes”.³⁶

Apesar de todos os benefícios, havia o outro lado da história: o da miséria, da exaustão, da falta de segurança no trabalho. Em sua tese de mestrado *O Capital da Esperança*, desenvolvida entre 1978 e 1980, o antropólogo Gustavo Lins Ribeiro mostra que as jornadas de trabalho eram de mais 12 horas diárias, e as constantes viradas de turno ocorriam “totalmente fora de qualquer legitimidade jurídica”.³⁷ No documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra*, de Vladimir Carvalho, pioneiros confirmam esse quadro. “Eu trabalhei dois dias e duas noites sem parar, e o engenheiro ainda forçando que eu tinha que trabalhar porque Brasília tinha que ser inaugurada em 60”, disse um deles.³⁸

De acordo com o candango Eronildes Guerra, em entrevista ao Arquivo Público do Distrito Federal em 1989,

No acampamento, a dormida era horrível, porque sabe como é que é,

³² KUBITSCHKEK, op. cit., p. 81-82.

³³ MOURÃO, OLIVEIRA, op. cit., p. 85.

³⁴ A INVENÇÃO de Brasília. Produção de Renato Barbieri, Brasília, Videografia e TV Cultura, 2001. DVD, 55 min.

³⁵ COUTO, op. cit., p. 344.

³⁶ MOURÃO; OLIVEIRA, op. cit., p. 57.

³⁷ RIBEIRO, Gustavo Lins. *O capital da esperança*. Brasília: Unb, 2008., p. 162.

³⁸ CONTERRÂNEOS Velhos de Guerra. Direção de Vladimir Carvalho, Brasília, 1990, DVD, 168 min.

dormir num colchão velho de capim, era igual soldado, você saía da obra e ninguém conhecia você, porque a poeira daqui dava um palmo de poeira mais ou menos, você chegava no acampamento, você ia lá no banheiro e eram aqueles canos, água quente não existia, toalha também não existia, era vida de louco, desbravador mesmo.³⁹

A comida, segundo outro pioneiro entrevistado em *Conterrâneos Velhos de Guerra*, às vezes vinha com insetos e ratos.⁴⁰ Foi em um dia de comida estragada que operários da construtora Pacheco Fernandes Dantas, no acampamento onde hoje se localiza a Vila Planalto, se revoltaram e foram severamente reprimidos pela Guarda Especial de Brasília (GEB), episódio emblemático da construção da capital. Conta-se que, para reprimir os operários amotinados, a GEB pediu reforços e, durante a madrugada, entrou em um caminhão atirando nos candangos acampados. O caso foi abafado, e até hoje não se sabe exatamente quantas pessoas morreram.⁴¹

A frequência de acidentes letais era alta. “Em certas ocasiões, ‘os corpos eram cobertos com lonas e retirados apressadamente do local para não criar um ambiente de comoção entre os operários’. [...] Há indícios de que corpos foram despejados – talvez sem sepultamento – em valas comuns”.⁴²

Ainda no documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra*, um dos candangos conta uma história macabra. Segundo ele, um dos trabalhadores caiu do vigésimo andar do Congresso Nacional, e seus companheiros, ao descer correndo para o térreo, nada encontraram. “Ninguém sabe pra onde foi esse defunto, quando os companheiros chegaram no solo o corpo não tava mais. Isso era muito comum aqui em Brasília”.

Apesar de todos os problemas, os candangos não retornavam a suas cidades natais. “A verdade é que mesmo na periferia mais pobre e sofrida de Brasília, a

³⁹ CAUSOS e causas do cinquentenário de Brasília. Disponível em <http://cbn.globoradio.globo.com/series/CASOS-E-CAUSOS-DO-CINQUENTENARIO-DE-BRASILIA/2010/04/29/OS-CANDANGOS-QUE-CONSTRUIRAM-BRASILIA.htm>, acesso em 1 set. 2012.

⁴⁰ CONTERRÂNEOS VELHOS DE GUERRA. Direção de Vladimir Carvalho. Brasília: 1990. Duração: 168 min.

⁴¹ LIMA, Vivi Fernandes de; BELISÁRIO, Adriano. Pioneiros da Capital: *candangos falam sobre pesada carga horária e o massacre de 1959*. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/pioneiros-da-capital>, acesso em 1 set. 2012.

⁴² NEGRO, Antonio Luigi. Resenhas. *Revista de História*. São Paulo, n. 164, 2011. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-83092011000100012&script=sci_arttext, acesso em 1 set. 2012.

maioria dos migrantes vive muito melhor que antes.”⁴³. Os planos do governo, porém, não incluíam a permanência dos operários após a conclusão da obra. “Apesar de incompleta, a estrutura física da cidade atendia às necessidades básicas da oficialidade. Os administradores concluíram então que os peões já não faziam mais falta. Estava na hora de demolir os antigos acampamentos, empurrar aquela gente para longe.”⁴⁴ Foi assim que surgiram muitas das cidades satélites.

Ímã e canteiro de gente: vazio demográfico no início de 1956; 60 mil habitantes no início de 1957; 500 mil no final de 1968; um milhão no ano de 1978; 1,5 milhão no fim de 1989 e dois milhões em janeiro de 2000. [...] O Distrito Federal ganhou cerca de 500 mil novos habitantes a cada dez anos.⁴⁵

Hoje em dia, Brasília é uma grande cidade. Conta, segundo o Censo de 2010, com mais de 2,5 milhões de habitantes⁴⁶, e atrai milhares de pessoas todos os anos. O empreendimento não se realizou como no sonho utópico de Juscelino Kubitschek, em que Brasília seria uma cidade limpa, segura, com sistemas de saúde e educação democráticos e de alta qualidade, uma cidade sem contradições. Tornou-se uma cidade como todas as outras, com seus problemas de transporte, violência, poluição, ensino e hospitais precários. Ainda assim, porém, continua sendo um lugar que atrai pessoas de todos os estados do Brasil. Cinquenta e dois anos após a inauguração de Brasília, a cidade ainda mantém o título de “Capital da Esperança”, graças a toda uma campanha realizada ainda nos anos 1950 por JK com a colaboração de significantes veículos de comunicação da época, como será mostrado nos próximos capítulos.

⁴³ COUTO, op. cit., p. 344.

⁴⁴ BEU, Edson. *Expresso Brasília*. LGE, 2006, p. 206.

⁴⁵ COUTO, op. cit., p. 339.

⁴⁶ CENSO 2010: população do Brasil é de 190.732.694 pessoas. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766, acesso em 22 out. 2012.

2 COMUNICAÇÃO

A comunicação confunde-se com a própria vida. É um processo de muitas facetas, que ocorre simultaneamente em vários níveis – consciente, subconsciente e inconsciente.⁴⁷

É difícil traçar as origens da comunicação humana. Acredita-se que os primeiros homens comunicavam-se por meio de grunhidos e gestos. As linguagens oral e gestual carecem de permanência e alcance, e o ser humano buscou meios de comunicação que fossem mais permanentes e pudessem ser transmitidos a longas distâncias. Assim, no século IV antes de Cristo, surge a escrita, inicialmente por pictogramas, passando para os ideogramas e, mais tarde, para a escrita baseada em fonemas.⁴⁸ Segundo Juan E. Díaz Bordenave, “a comunicação evoluiu de uma pequena semente – a associação inicial entre um signo e um objeto – para formar linguagens e inventar meios que vencessem o tempo e a distância.”⁴⁹

Simultaneamente à evolução da linguagem, desenvolveram-se também os meios de comunicação. Com o passar dos séculos, com o desenvolvimento tecnológico – aperfeiçoamento do pergaminho, início do uso do papiro, surgimento do papel, invenção do tipo móvel da impressão por Gutenberg, do telefone, do rádio, da televisão, do computador, etc – passou a ser cada vez mais fácil comunicar-se com um número maior de pessoas em diferentes lugares do mundo. Uma informação que alguns séculos atrás demorava meses para chegar a outro continente hoje chega em apenas alguns segundos.

Apesar disso, a comunicação vai muito além dos meios de comunicação social.⁵⁰ É por ela que os padrões de vida da cultura de um determinado indivíduo são transmitidos e, assim, ele aprende a ser um membro de sua sociedade, isto é, é pela comunicação que uma pessoa adota as suas crenças, valores, hábitos e modos de pensamento.⁵¹

⁴⁷ BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é comunicação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p. 14.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 25-27.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 23.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 18.

⁵¹ *Ibidem*, p. 17.

É, portanto, por meio da comunicação que a cultura funciona. De fato, cada cultura é capaz de criar seus próprios signos, atribuindo-lhes significados próprios.⁵²

Os homens sempre procuraram um jeito de associar um certo som ou gesto a determinado objeto ou ação. Desta maneira nasceu o *signo*, isto é, “qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou ideia”, e a *significação*, “que consiste no uso social dos signos”. Segundo Bordenave, “a atribuição de significados a determinados signos é precisamente a base da comunicação em geral e da linguagem em particular”.⁵³

2.1 Comunicação e governo

A comunicação pode estabilizar ou desestabilizar governos. Tendo isto em vista, dentro de cada país, o controle da comunicação acabou por adquirir uma imensa importância.⁵⁴ As organizações públicas dependem da comunicação como elemento vital para seu funcionamento. De acordo com Andrade (1982),

A separação entre governantes e governados é quase sempre consequência da falta de informações. A administração pública não pode funcionar sem a compreensão popular de suas atividades e processos, pois o poder público depende do consentimento e da participação do povo na execução das diretrizes governamentais.⁵⁵

Desta maneira, a comunicação deve ser vista pelo governo como uma facilitadora da sua relação com a população, prevenindo assim o aparecimento de possíveis crises.⁵⁶ O governo deve tornar públicos seus atos, criando canais de comunicação que possibilitem a manifestação da opinião pela sociedade, que anseia de alguma maneira por participar da gestão, seja tirando dúvidas ou sugerindo melhorias.⁵⁷

⁵² Ibidem, p. 59.

⁵³ Ibidem, p. 24.

⁵⁴ Ibidem, p. 34.

⁵⁵ ALBUQUERQUE, Gabriela; SANTANA, Maria Aparecida; RIFFEL, Cristiane Maria. *Comunicação Governamental ou divulgação governamental? Um estudo de caso da prefeitura de Navegantes/SC*. Disponível em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2007/trabalhos/gt7/gt7_riffel.pdf, acesso em 13 out. 2012, p. 3.

⁵⁶ Ibidem, p. 3-4.

⁵⁷ Ibidem, p.5.

Segundo Torquato (2002), é importante a função da pesquisa como aliada da comunicação governamental, pois é a partir dela que “são analisadas questões como o ambiente e a opinião dos públicos”.⁵⁸

Por fim, cabe ao governo conceber a comunicação como uma estratégia fundamental na construção de sua credibilidade junto à população, melhorando a partir dela sua imagem e construindo um processo de comunicação “contínuo e transparente”.⁵⁹

2.2 A comunicação no Brasil nos anos 50

No início dos anos 50, o Brasil era um país que havia passado recentemente por um processo de democratização e que sonhava em se tornar moderno e industrializado. Essa década, que ganhou o apelido de “Anos Dourados”, foi marcada pela expansão da classe média, pela urbanização da população Brasileira e pelo estabelecimento de instituições democráticas.⁶⁰ Tudo isto influenciou a natureza dos meios de comunicação, agora mais modernos e de maior alcance.

Para fins de contextualização, este trabalho fará uma breve introdução aos principais meios de comunicação brasileiros na década de 1950, considerando o rádio e a televisão e concluindo com ênfase nas revistas ilustradas, uma vez que o objeto deste estudo é a revista *brasília*.

2.2.1 O rádio

Fenômeno de massa desde os anos 30, o rádio foi a base da expansão da cultura musical brasileira. Era fonte de informação, lazer, sociabilidade e cultura. Com o fim da 2ª Guerra Mundial, em 1945, ocorreu um processo acelerado de crescimento do setor radiofônico que culminou na chamada “Era de Ouro do Rádio”: novas emissoras de rádio surgiram, o número de estações de ondas curtas foi

⁵⁸ Ibidem, p. 5.

⁵⁹ Ibidem, p. 6.

⁶⁰ VIDESOTT, Luisa. Informações, representações e discursos acerca das arquitetura-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília. *Risco*, v. 11, São Paulo, p. 32-42, 2010, p. 37.

ampliado e equipamentos cada vez mais modernos e aperfeiçoados eram trazidos para o Brasil.⁶¹

Consolidou-se, assim, como fenômeno cotidiano, veiculando principalmente radionovelas, canções e os famosos programas de auditório. Estes traziam para o rádio a participação direta do público, afirmando a vocação popular do meio de comunicação e aumentando a atração do povo pelo veículo.⁶² Nos anos 50, o rádio já era uma peça obrigatória em quase todos os lares, independentemente da classe social.

2.2.2 A televisão

A televisão foi implantada no Brasil pelo empreendedor Assis Chateaubriand, dono do conglomerado de comunicação Diários Associados, no dia 18 de setembro de 1950.⁶³ Chateaubriand importou equipamentos dos Estados Unidos e instalou duas antenas em São Paulo. Como não havia aparelhos televisores no Brasil, distribuiu 200 aparelhos entre amigos, financiadores e lojas no centro da cidade, para que as pessoas pudessem assistir aos programas da rua.

A primeira emissora, a TV Tupi, transmitia programas ao vivo marcados pela improvisação e pela adaptação da linguagem do rádio e do teatro. Várias estrelas do rádio migraram para a televisão nessa época, como Hebe Camargo e Lima Duarte. O alcance ainda era pequeno, pois o aparelho televisor era um artigo de luxo, três vezes mais caro que a vitrola. Chateaubriand lançou uma campanha publicitária para incentivar a compra de novos aparelhos, mas com pouco retorno inicial: ao final de 1951, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro contavam com apenas 7.000 receptores.⁶⁴

A partir daí, novas emissoras foram fundadas: a Rede Record, em 1953, a rede Excelsior, em 1960, a Rede Globo, em 1965, e a Rede Bandeirantes, em 1967. Ao longo das décadas, firmou-se como a mídia de maior impacto na sociedade

⁶¹ A HISTÓRIA do rádio no Brasil. Disponível em: <http://www.abert.org.br/site/images/stories/pdf/AHistoriador%3%A1dionoBrasiVERSaO%2020112.pdf>, acesso em 7 out. 2012.

⁶² CULTURA Brasileira. Disponível em: <http://archistoriatextos.blogspot.com.br/2006/09/cultura-brasileira-anos-50.html>, acesso em 7 out. 2012.

⁶³ SALATIEL, José Renato. *60 anos da TV no Brasil: da improvisação ao vivo à era digital*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/atuaisidades/60-anos-da-tv-no-brasil-da-improvisacao-ao-vivo-a-era-digital.htm>, acesso em 7 out. 2012.

⁶⁴ Idem.

brasileira, sendo a principal fonte de entretenimento e informação dos brasileiros ainda nos dias de hoje.

2.2.3 As revistas ilustradas

A partir dos anos 40, as revistas ilustradas foram um importante veículo da comunicação em massa no Brasil. Segundo Luisa Videsott, elas "dispuseram de um novo poder de persuasão decorrente do uso maciço da comunicação visual".⁶⁵

No Brasil, duas grandes revistas já haviam se estabelecido: *O Cruzeiro* e *Manchete*. A primeira, marco na história das publicações ilustradas, foi fundada por Carlos Malheiros e começou a ser publicada em 10 de novembro de 1928 pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand, maior conglomerado de empresas de mídia do Brasil na época.

Figura 1: Capas das edições especiais de inauguração de Brasília das revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*, as duas maiores revistas ilustradas do Brasil na época.



De acordo com Ivete Batista da Silva Almeida, doutoranda em História Social na Universidade de São Paulo, em seu artigo *Uma nova forma de ver o mundo: as revistas ilustradas semanais*,

⁶⁵ VIDESOTT, Luisa. *Narrativas da construção de Brasília: mídia, fotografias, projetos e história*. São Paulo: EESC – USP, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=165699, acesso em 12 out. 2012, p. 30.

A revista *Cruzeiro* marcaria época em razão da forma como escolhe trabalhar com a imagem, que não teria naquelas páginas a função apenas de ratificar o discurso; aqui, a fotografia também é discurso. Com fotos ampliadas, diagramação cuidadosa, seções com reportagens, contos e crônicas, nos quais a imagem tinha papel fundamental para potencializar a mensagem – além de grande número de anunciantes, é impossível não observar que praticamente metade das páginas do primeiro exemplar vinham marcadas por propagandas dos patrocinadores.⁶⁶

Nos anos 30 viriam as primeiras mudanças, e reafirmar a importância da imagem foi uma das prioridades dos editores: passaram a estampar imagens que ocupavam páginas inteiras como parte de reportagens ilustradas. Nos anos 40, novas mudanças: “a revista passa a utilizar a fotografia como suporte visual para o jornalismo e reportagens de toda sorte. Iniciava-se a era do fotojornalismo”⁶⁷. Não se pode negar que, estética, jornalística e editorialmente, a revista *O Cruzeiro* marcou as revistas ilustradas e serviu de influência para diversas outras publicações posteriores.

A revista *Manchete*, por sua vez, foi lançada dia 25 de novembro de 1952 pela Bloch Editores, a mesma que, quatro anos mais tarde, editaria a revista *brasília*. A intenção de Adolpho Bloch, proprietário da editora, era competir no mercado de revistas semanais, até então dominado pela gigante *O Cruzeiro*.

Ainda longe de alcançar a concorrente, em 1956 uma grande reformulação foi feita na *Manchete*. Várias personalidades do meio intelectual foram contratadas para a equipe de redatores, como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Nelson Rodrigues, Fernando Sabino e Manoel Bandeira.

[...] a partir de reformulações técnicas e editoriais de 1956 a revista não parou mais de crescer, alcançando um apuro gráfico exemplar, logo superaria *O Cruzeiro* nesse quesito, e partiria para dominar o mercado, o que aconteceria a partir dos anos 1960, quando a revista dos Diários Associados já não mais apresentava o brilho de outrora.⁶⁸

Além dos já citados motivos que incentivaram o crescimento do mercado das revistas ilustradas no Brasil, outro fator deve ser levado em consideração: as carências estruturais da época. A população brasileira possuía, nos anos 50, uma

⁶⁶ ALMEIDA, Ivete Batista da Silva. Uma nova forma de ver o mundo: as revistas ilustradas semanais. *Fatos&Versões*, Urberlândia. v. 3, n. 6. p. 38-56, 2011, p. 48.

⁶⁷ Ibidem, p. 49.

⁶⁸ Ibidem, p. 52.

escolarização superior baixíssima e, além disso, a indústria de distribuição de livros era muito pequena.

De acordo com o Censo de 1950, 53,9% dos homens e 60,6% das mulheres eram analfabetos. Ainda nos anos 50, a taxa de escolarização da população nacional era de 26,15%; aqueles que se matriculavam no ensino primário eram 3,53% da população em idade escolar (de 5 a 9 anos) e os que se matriculavam no ensino médio representavam 2,5% [...] ⁶⁹

Ainda segundo Videsott, as revistas ilustradas contribuíram para a harmonia cultural e a integração nacional. A autora ressalta a hipótese de que “seu poder na conformação de uma opinião pública foi fortemente vinculado à ‘passividade’ do consumidor frente às imagens e à credibilidade total do leitor na imagem fotográfica” ⁷⁰.

⁶⁹ VIDESOTT, Luisa. Informações, representações e discursos acerca das arquitetura-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília. *Risco*, v. 11, São Paulo. p. 32-42, 2010, p. 36.

⁷⁰ VIDESOTT, Luisa. *Narrativas da construção de Brasília: mídia, fotografias, projetos e história*. São Paulo: EESC – USP, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=165699, acesso em 12 out. 2012, p. 14.

3 A REVISTA *BRASÍLIA*

A revista *brasília* foi uma publicação mensal da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP), surgida em consequência do artigo 19 da Lei 29874, de 19 de setembro de 1956. Segundo o artigo, a NOVACAP passa a ser responsável por publicar mensalmente os atos administrativos da Diretoria e os contratos feitos por ela.

Como explica o primeiro número da revista, a administração achou conveniente adicionar a esse boletim administrativo algumas páginas, no formato de revista ilustrada, contendo informações, textos, matérias e fotos sobre o andamento da construção da cidade. A intenção da publicação não era apenas informar, mas também defender e enaltecer o empreendimento, além de ajudar nas relações públicas com os governos de outros países, que “na época tinham muita curiosidade, em especial sobre a formação do lago e a questão imobiliária”.⁷¹

Impressa no Rio de Janeiro, na gráfica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a revista *brasília* tinha uma periodicidade inicialmente mensal que foi interrompida em agosto de 1960, após a inauguração de Brasília, quando chegou ao número 44. De acordo com a arquiteta e urbanista Maria Beatriz Camargo Cappello, em seu artigo *A revista brasília na construção da Nova Capital: Brasília (1957-1962)*,

Os números 45 a 48, referentes aos meses de setembro a dezembro de 1960, foram fundidos em uma edição única. Entre 1961 e 1962 essa periodicidade é interrompida, tendo sido publicadas, neste período, três edições, uma delas contendo os números de 50 a 52, outras os números 53 a 64 e uma terceira contendo os números 65 a 81.⁷²

Ainda segundo a autora, a publicação é novamente interrompida após o golpe militar de 1964. É retomada entre 1965 e 1967, com um número especial por ano, e novamente interrompida. Em 1988 são publicadas suas duas últimas edições, referentes aos números 82 e 83. “Por seu objetivo e periodicidade – 83 números

⁷¹ VIDESOTT, Luisa. Informações, representações e discursos acerca das arquitetura-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília. *Risco*, v. 11, São Paulo. p. 32-42, 2010., p. 36

⁷² CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. A revista *brasília* na construção da Nova Capital: Brasília (1967-1962). *Risco*, São Paulo, v. 11. p. 43-57, 2010. p. 43.

entre 1957 e 1988 –, sua coleção constitui uma importante fonte de pesquisa da história da construção, inauguração e consolidação de Brasília.⁷³

Entretanto, trataremos neste trabalho principalmente os números 1 a 39 da revista *brasília*, editados entre janeiro de 1957 e março de 1960, uma vez que estes foram publicados antes da inauguração da capital, em 21 de abril do mesmo ano.

Segundo Luisa Videsott, doutora em Arquitetura e Urbanismo pela USP, em seu artigo *Informações, representações e discursos acerca das arquiteturas-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília*, a sede da revista foi no Rio de Janeiro até 1959. Os fotógrafos e colaboradores faziam viagens frequentes a Brasília para colher material para a publicação. Em 1959, a sede mudou para Brasília, mas a revista continuou sendo editada no Rio de Janeiro pela Editora Bloch, pois Brasília ainda não oferecia as condições necessárias para que toda a produção e distribuição da publicação se realizassem.⁷⁴

Ainda segundo Videsott, a revista era gratuita e destinada aos assinantes: dentro do Brasil, bibliotecas, universidades e colégios; no exterior, era enviada principalmente a embaixadas. Nunca foi vendida nas bancas de jornal e, “sendo empreendimento governamental e visando uma informação objetiva e à margem dos conflitos políticos, [...] os fascículos não eram enviados para expoentes políticos, como governadores ou prefeitos.”⁷⁵

De modo geral, a revista publica depoimentos, discursos, artigos e entrevistas com importantes políticos e intelectuais brasileiros, assim como autoridades eclesiásticas, sempre de um ponto de vista favorável à construção de Brasília.

Os artigos, que defendem a ideia da mudança da capital, passam a relatar, com ampla cobertura fotográfica, inclusive com fotos aéreas, o cotidiano do canteiro de obras de Brasília, a história de sua construção, inauguração e consolidação, expondo os detalhes de sua arquitetura e urbanismo, acompanhando passo a passo o nascimento da cidade: a venda dos primeiros lotes, as primeiras construções, as primeiras casas populares, os primeiros blocos de apartamentos, as primeiras lojas, o estabelecimento das primeiras escolas e os primeiros eventos sociais.⁷⁶

⁷³ Idem.

⁷⁴ VIDESOTT, op. cit., p. 34-35.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ CAPPELLO, op cit., p. 44.

Figura 2: Capa dos três primeiros números da revista *brasília*.



Fonte: Arquivo Público do DF

3.1 A revista *brasília* e suas seções

Com base no primeiro número da revista, faremos uma rápida abordagem sobre as seções que caracterizaram a publicação ao longo dos números estudados por este trabalho. O primeiro número, com 16 páginas, começou a circular por todo o país em 18 de fevereiro de 1957, com tiragem de 10.000 exemplares, tiragem esta que se manteve até o número 25, publicado em janeiro de 1959 – passando a ter, a partir de então, uma tiragem de 20.000 exemplares.⁷⁷ Na capa, uma ilustração do quadrilátero Cruls com uma estrela simbolizando o lugar onde a futura capital seria construída.

A edição inicial começa com a seção *Notas*, que traz informações sobre como chegar até o lugar por rodovia, ferrovia ou via aérea, sobre a primeira carta de correio endereçada a Brasília, sobre a construção de fossas higiênicas e de um posto médico na região, a dedetização das primeiras casas, telecomunicações, etc. Ainda na primeira página, podemos ler um discurso do presidente Juscelino Kubitschek defendendo a construção da cidade. O número, assim como todos os outros subsequentes, apresenta cobertura fotográfica do dia a dia das obras.

Já na terceira página encontramos o primeiro artigo favorável à transferência da capital publicado pela revista. Trata-se de um estudo do sociólogo e historiador Alexandre Barbosa Lima Sobrinho, publicado no *Jornal do Brasil*, em que o autor

⁷⁷ VIDESOTT, op. cit., p. 44.

traça um panorama da ideia de interiorização da sede do governo brasileiro desde a Inconfidência Mineira, em 1789.

Em seguida, a seção *A marcha da construção de Brasília*, uma das mais assíduas da publicação, ausente em apenas cinco números entre os que serão aqui estudados. Nela encontramos diversas fotos dos canteiros de obras, das matas virgens e de membros da NOVACAP em conferência com engenheiros, além de palavras de glorificação da construção, frases do presidente Juscelino Kubitschek e um depoimento de Avelino Inácio de Oliveira, diretor geral do Departamento de Produção Mineral do Ministério da Agricultura, que visitou Brasília em agosto de 1956 a convite de Ernesto Silva, diretor da NOVACAP. De acordo com Luisa Videsott,

O objetivo desta seção, de maneira mais específica, era contrabalancear, através da documentação iconográfica, as alegações da oposição ao governo JK e demonstrar que a construção da cidade ia se desenvolvendo de acordo com as promessas do Presidente e com os planos e projetos de arquitetura e urbanismos aprovados.⁷⁸

Mais à frente, mais uma seção em que a construção é posta em evidência, do ponto de vista favorável. Na seção *A nova capital e a opinião brasileira*, senadores, deputados, presidentes de associações e outras autoridades defendem a transferência da capital. Essa seção não continua existindo em todos os números seguintes, mas seu conteúdo está sempre presente neles, mesmo que sob um formato diferente: as vezes dentro de matérias, outras em noticiários, muitas vezes em seções exclusivas para opiniões de autoridades, mas com um título diferente.

A revista faz muito uso de citações de personalidades para convencer o leitor de que a opinião predominante do povo brasileiro é de que Brasília significa progresso, crescimento econômico, integração e vários passos em direção ao desenvolvimento do país, em detrimento de muito o que vinha sendo publicado nos jornais das grandes cidades brasileiras. É interessante constatar que a voz dos trabalhadores e moradores da cidade poucas vezes é ouvida.

A seção *Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital*, que se mantém regular até o número 19 da revista e acaba por ser retirada e partir do número 35, expõe fotos

⁷⁸ VIDESOTT, op. cit., p. 33-34.

de maquetes e croquis de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, assim como textos defendendo e debatendo seus projetos. No caso do primeiro número, o projeto escolhido foi o Palácio da Alvorada, cuja construção não havia sido iniciada. Em alguns casos, em números mais adiantados da revista, as fotos das maquetes de projetos e dos edifícios concluídos são colocadas lado a lado, para que o leitor possa compará-las.

Nas últimas páginas chegamos ao *Boletim*. Nele, lemos atos do conselho e da diretoria, atas de reuniões e etc. Esta seção, motivo oficial pelo qual a revista existe, é como um documento da construção da cidade e, provavelmente por isso, a seção mais assídua da publicação. O *Boletim* só não aparece em dois números, o 5 e o 18, respectivamente as edições especiais da primeira missa celebrada em Brasília e das grandes inaugurações celebradas em 30 de junho de 1958: o Palácio da Alvorada, o Brasília Palace Hotel, a estrada Brasília-Anápolis e a Avenida das Nações.

Além das seções mais recorrentes, a revista era, em todos os seus números, recheada com muitas fotos do dia a dia das obras, de esclarecimentos de Juscelino Kubitschek e de Israel Pinheiro sobre a construção, de respostas a críticas feitas em outros veículos e meios de comunicação e de artigos de personalidades brasileiras acerca do assunto, assim como entrevistas com os chamados “mudancistas” – como eram chamados os que eram a favor da mudança da capital para o interior. Entre as pessoas que contribuíram com a revista com artigos estão o Cardeal de São Paulo, Dom Carlos Carmelo Vasconcelos Mota, o escritor Osvaldo Orico, o diplomata Raul Bopp, o deputado Geraldo Mascaranhas e o filólogo Antenor Nascentes e, entre os entrevistados, o Deputado Emival Caiado e o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.

3.2 Nova direção, diagramação e projeto gráfico

A revista permanece com o mesmo formato até o número 4, publicado em abril de 1957. Estes primeiros números foram dirigidos por Paulo Rehfeld, chefe da Divisão de Divulgação da NOVACAP.⁷⁹ A partir daí, assume Raimundo Nonato Silva,

⁷⁹ CAPPELLO, op. cit., p. 44.

funcionário do MEC no Rio de Janeiro contratado “em decorrência de sua experiência como jornalista e de sua amizade com o professor Ernesto Silva e com o Cardeal Vasconcellos”.⁸⁰

Nonato queria diminuir cada vez mais o tom oficial da publicação para atrair leitores pois, segundo ele, “os atos escritos em linguagem oficial não chamavam atenção”.⁸¹ O número 5, primeiro sob sua direção, foi a edição especial sobre a primeira missa celebrada em Brasília, com uma nova diagramação e projeto gráfico de Artur Lúcio Pontual.

Com a nova feição gráfica de Artur Lúcio Pontual desaparecem as molduras pretas, a paginação adquire um aspecto mais homogêneo e as fotografias dimensões maiores. A mudança mais significativa envolve a capa: a fonte do nome “Brasília” – em letras minúsculas – passa de um garmond cursivo, característico das revistas dos anos 40, para um arial black mais arredondado e “moderno”, e desaparece a tira em cor que diferencia e separa o título da revista.⁸²

Figura 3: Capas dos números quatro e cinco da revista *brasília*, com fontes diferentes no título.



Fonte: Arquivo Público do DF

⁸⁰ VIDESOTT, op. cit., p. 32.

⁸¹ MONTENEGRO, Erica. *Arquivo Público relança "Brasília"*. Metro. Brasília, 11 set. 2012, p. 06. Disponível em: http://publimetro.band.com.br/pdf/20120911_Brasilia.pdf, acesso em 23 set. 2012.

⁸² VIDESOTT, op cit., p. 34.

A partir daí, vão aparecendo novas seções e algumas das antigas começam a ser cortadas. A seção *Notas* desaparece a partir do número 5 e a primeira página da revista passa a ser dedicada a artigos de políticos, advogados, jornalistas, juristas, escritores e outras personalidades do mundo político e intelectual do Brasil. Os artigos, fiéis à linha editorial da publicação, abordam temas como o progresso, a integração e a evolução econômica que a nova capital trará ao país, entre outros assuntos relacionados à defesa da transferência.

Para substituir a seção de notas, é criada, a partir do número 7, a seção *Noticiário*, com pequenas notícias que falam sobre eventos do cotidiano das obras, como pequenas inaugurações, visitas de autoridades à cidade, o crescimento da Cidade Livre e as novidades das obras de Brasília. A partir daí, a seção permanece em todos os números aqui estudados, à exceção do número 38. A ela, vem se juntar a seção *Diário de Brasília*, a partir do número 15, que exerce função similar, mas aparece apenas em 13 números da revista.

Outras duas novidades aparecem, respectivamente, a partir dos números 8 e 9. São as seções *Brasília no exterior* e *Brasília na literatura*. Na primeira, de assiduidade irregular, podemos ler o que vinha sendo publicado em outros países sobre a construção da cidade – sempre matérias favoráveis ou, no máximo, neutras – e sobre o grande sucesso das exposições sobre a arquitetura de Brasília realizadas em países como França, Bélgica, Alemanha e Suíça. Na segunda, um pouco mais frequente, lemos poesias cujo tema central era a glorificação da futura capital do Brasil.

Para uma melhor visualização dos dados aqui apresentados, este trabalho apresenta em anexo (página xx) uma tabela com todas as seções que a revista *brasília* possuiu e em quais números elas apareceram.

3.3 A propaganda na revista *brasília*

A revista *brasília* não vendia espaços para propagandas comerciais ou políticas, mas, a partir do número 3, a última página da publicação passou a ser reservada a propagandas da NOVACAP para a venda de lotes em Brasília. Presente em todos os números estudados a partir do 3, exceto o 18 – especial inaugurações –

as propagandas possuíam textos como “A construção da nova capital marca o início de uma nova era para o Brasil. Seja um pioneiro da grandeza nacional, adquira seu terreno em Brasília” e “Adquira seu terreno em Brasília, nos setores residenciais, comerciais bancários e na zona de hotelaria. Informações na sede da NOVACAP em Brasília e nos escritórios regionais da companhia”.

Figura 4: Propagandas da NOVACAP nos números 6, 28 e 31 da revista *brasília*.



Fonte: Arquivo Público do DF

As propagandas repetiam-se por vários números consecutivos com pequenas alterações de layout e nenhuma alteração no texto. No total, foram cinco tipos diferentes – mas ainda assim semelhantes - de propagandas da NOVACAP durante o período de janeiro de 1957 a abril de 1960 – período correspondente aos números de 1 a 40 da revista.

3.4 A importância do autor em *brasília*

A ordem do discurso, livro que reproduz a aula inaugural ministrada por Michel Foucault no Collège de France em 2 de dezembro de 1970, aponta que, em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos de controle.

O segundo mecanismo interno de controle do discurso citado por Foucault, o autor, impõe aos indivíduos que pronunciam os discursos uma série de regras, não permitindo que todo mundo tenha acesso a eles. “Rarefação, desta vez, dos sujeitos

que falam, ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.”⁸³

O autor, segundo Foucault, não é entendido “como indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.”⁸⁴

A revista *brasília* faz uso do autor como mecanismo de controle de discurso: as pessoas que escrevem artigos, dão entrevistas e têm suas frases sobre Brasília publicadas nas seções da revista não podem ser consideradas ‘qualquer um’. Todos satisfazem a certas exigências e regras: são personalidades do mundo político e intelectual do Brasil e do mundo e têm, de certo modo, autoridade para falar dos assuntos abordados. São senadores, deputados, presidentes de associações comerciais, diretores de departamentos públicos, vereadores, professores, escritores, governadores, presidentes e embaixadores de outros países, editores, engenheiros, jornalistas, cronistas, militares, etc. O homem comum, o pedreiro que trabalha em alguma das construções de Brasília, o morador da Cidade Livre, o comerciante pioneiro, etc. não são ouvidos.

Para isso, a revista faz uso do *discurso autorizado*, aquele proferido por alguém que tem autoridade para ser o porta-voz de um determinado segmento social ou instituição, como é o caso dos muitos políticos e intelectuais supracitados. Além disso, também faz uso do *discurso dominante*, que verbaliza os princípios e anseios das classes dominantes. Os discursos de Juscelino Kubitschek publicados na revista, assim como os de presidentes e ministros de outros países, constituiriam exemplos de discurso dominante.⁸⁵

Podemos notar que o discurso dominante representa o poder, mas não é necessariamente autoritário e violento. O exemplo que vemos em *brasília* é o contrário: Juscelino Kubitschek sempre fala de Brasília como o portal para uma nova era de crescimento econômico, progresso, integração nacional e felicidade, a era de ouro do Brasil.

⁸³ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 12 ed. São Paulo: Edições Loyolla, 2005, p. 36-37.

⁸⁴ FOUCAULT, op. cit., p. 26.

⁸⁵ GARCIA, Afrânio. Tipos de Discurso. *Soletas*, ano III, n. 5 e 6. p. 186-190. São Gonçalo: UERJ, 2003., p. 186-187.

3.5 O mito

O semiólogo francês Roland Barthes diz, em seu livro *Mitologias*, que “o mito é uma fala” e, por isso, tudo pode se transformar em mito. É um modo de significação, uma forma, um sistema de comunicação, uma mensagem. Não tem limites formais, mas sim substanciais: “não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere”.⁸⁶

Esta fala, ainda de acordo com Barthes, é uma mensagem e, portanto, não é necessariamente oral. Pode ser constituída por escritas ou representações: “o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isto pode servir de suporte à fala mítica”.⁸⁷

Para podermos estudar os mitos, devemos lançar mão da semiótica, “ciência de toda e qualquer linguagem”⁸⁸. Segundo Lúcia Santaella, a língua que falamos e escrevemos não é a única forma de linguagem com a qual somos capazes de nos comunicar. Nós nos comunicamos também através de “imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar”⁸⁹. Ainda segundo a autora,

A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e sentido.⁹⁰

A semiologia postula uma relação de equivalência entre dois termos: um significante e um significado. O total associativo desses dois termos é o signo.⁹¹ Para Ferdinand de Saussure, linguista e filósofo suíço, no sistema semiológico da língua, “o significado é o conceito, o significante é a imagem acústica (de ordem psíquica), e a relação entre o conceito e a imagem é o signo (a palavra, por exemplo).⁹² De modo geral, “o signo é uma coisa que representa outra coisa: seu objeto [...] o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto.”⁹³

⁸⁶ BARTHES, Roland. *Mitologias*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1982, p. 131.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 132.

⁸⁸ SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983, p. 10.

⁸⁹ *Idem*.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 13.

⁹¹ BARTHES, op. cit., p. 134-135.

⁹² BARTHES, op. cit., p. 135.

⁹³ SANTAELLA, op. cit., p. 58.

No mito, podemos encontrar o mesmo esquema dos três termos: o significado, o significante e o signo. Apesar disso, “o mito é um sistema particular, visto que ele se constrói a partir de uma cadeia semiológica que existe já antes dele: *é um sistema semiológico segundo*”.⁹⁴ O signo do sistema semiológico da língua – uma palavra, um desenho, uma foto, uma maquete ou um filme, por exemplo – transforma-se, no mito, em um simples significante.

É necessário recordar, neste ponto, que as matérias-primas da fala mítica (língua propriamente dita, fotografia, pintura, cartaz, rito, objeto, etc), por mais diferentes que sejam inicialmente, desde o momento em que são captadas pelo mito, reduzem-se a uma pura função significante: o mito vê nelas apenas uma mesma matéria-prima.⁹⁵

Existem, então, dois sistemas semiológicos dentro do mito: o sistema linguístico, já explicado anteriormente, que Barthes nomeou *linguagem-objeto*, pois “é a linguagem de que o mito se serve para construir o seu próprio sistema”; e o mito em si, chamado por Barthes de *metalinguagem*, “porque é uma segunda língua, na qual se fala da primeira”.⁹⁶ O autor representa o esquema de acordo com a tabela a seguir:



Tabela 1 – Fonte: Roland Barthes.

Ainda conforme Barthes, os mitos aparecem e desaparecem, sendo substituídos por outros objetos cativos da linguagem mítica: existem mitos muito antigos, mas não eternos. A história comanda a vida e a morte da linguagem mítica; a mitologia, então, tem fundamento histórico.

Com base nas definições de Barthes sobre mito e suporte à fala mítica, faremos no tópico seguinte uma análise da revista *brasília*, com foco nos

⁹⁴ BARTHES, op. cit., p. 136.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ Ibidem, p. 137.

mecanismos utilizados pela publicação para contribuir com a construção da imagem de “Capital da Esperança”.

3.6 “Brasília foi expectativa antes de ser realidade”⁹⁷

Antes o nada, o deserto, a solidão, o abandono. Depois, o progresso, o desenvolvimento econômico, a modernização, a colonização do Brasil pelos próprios brasileiros, o surgimento de um novo tempo. Brasília já era um mito antes mesmo de começar a ser construída. Segundo Lucia Borges, em seu artigo *O grande cenário*, a história instituída de Brasília “revestiu com tonalidades épicas tudo o que está relacionado à construção da cidade”.⁹⁸

Muitos foram os instrumentos de mitificação dos quais o governo e a imprensa lançaram mão para transformar Brasília em “Capital da Esperança” no imaginário de cada brasileiro. A revista *brasília*, ao mesmo tempo em que é um desses instrumentos, reforça todos os outros por meio de suas reportagens, como analisaremos abaixo, funcionando assim como suporte à fala mítica.

O grande personagem que empreendeu essa transformação é encontrado, obviamente, na figura do presidente Juscelino Kubitschek, inevitavelmente ligado a Brasília. Não se fala da cidade sem se falar do presidente, e vice-versa. Mais uma vez, a revista *brasília* contém artigos e matéria que contribuem para essa simbiose entre a cidade e o presidente. Alguns exemplos são as matérias “*Presidente Garimpeiro*”, de Osvaldo Orico, no n. 11; “*Brasília e o presidente*”, no n. 14, de Hermes Lima; no n. 15, “*Brasília, sonho de S. João Bosco, realização de Juscelino Kubitschek*”, de Antenor Nascentes; por fim, no número 37 da revista, “*A obra prima do presidente*”, de Geraldo Mascarenhas.

A posição da cidade como meta-síntese no Programa de Metas de JK é reveladora: a construção de Brasília é o símbolo da transformação modernizadora, o

⁹⁷ CEBALLOS, Viviane Gomes de. “*E a história se faz cidade...*”: a construção histórica e historiográfica de Brasília. Campinas: UEC, 2005, p. 7.

⁹⁸ BORGES, Lucia. *O grande cenário*. Disponível em: https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:tm1C__kYWMSJ:www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/download/744/719+&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShANPbJPtVcTJ1PMmIXMJsPu0KAI9kAsGlvVmQ264rsIbKerV508vs3sandpQrH6I3ba_AkDdz4XoCOZQ5rYft8G3TEzxOR_AyBidIIRpl-FIFWoZDLJGvk6jg6dLSmNx_fw85Fv&sig=AHIEtbQnaoVi7joSXwTLLrhRyifnyZZsow, acesso em 12 out. 2012., p. 2.

cumprimento da constituição e dos anseios da população do interior.⁹⁹ É, ao mesmo tempo, um salto para o futuro e um olhar para o passado:

Essa transformação sem revolução, ou seja, com raízes no passado, que almeja o governo, vai resgatar ideias, sonhos e ações anteriores sobre a fundação de uma nova capital federal no interior do país e fazer uma releitura e adaptação dessas ideias e ações aos propósitos do nacional-desenvolvimentismo e da construção da nova cidade. Assim, a fundação de Brasília é continuidade e ruptura: realização de desígnios históricos ao mesmo tempo que “salto” em direção a um novo e promissor futuro. Num giro sutil, Brasília passa a ser origem do que veio antes dela e do que virá depois.¹⁰⁰

Significa, também, a realização dos desejos e sonhos da sociedade brasileira dos anos 1950: romper com o antiquado sistema político e social e começar uma nova era, marcada pela “harmonia, pela prosperidade, pela racionalidade e pelo progresso”.¹⁰¹

A convocação, sem concurso público, do arquiteto Oscar Niemeyer para projetar os principais prédios governamentais da nova cidade é um sinal dessa busca por modernidade. Niemeyer, então com quase cinquenta anos, já era o mais conhecido e aclamado arquiteto brasileiro tanto no Brasil quanto no exterior. Nos anos 40, projetou o conjunto arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte, e a sede das Nações Unidas em Nova York, em conjunto com Le Corbusier, um dos mais influentes arquitetos do século XX. Em 1946, foi convidado a dar aulas na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, mas não pôde ir por problemas na obtenção do visto americano.

De modo geral, pode-se dizer que a escolha de Niemeyer como arquiteto da nova capital reforça a aura de “Cidade do Futuro” atribuída à cidade, assim como a escolha do projeto de Lúcio Costa para o Plano Piloto. Lúcio Costa foi um pioneiro da Arquitetura Modernista no Brasil e aplicou em larga escala as doutrinas arquitetônicas e urbanísticas dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna)¹⁰², que pregavam uma arquitetura limpa, sintética, funcional e racional, que poderia ser usada como instrumento político e econômico para promover o progresso social.

⁹⁹ Ibidem, p. 3.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 2.

¹⁰¹ CEBALLOS, op. cit., p. 5.

¹⁰² Ibidem, p. 6.

Desta maneira, podemos esquematizar o que foi dito acima, baseando-nos no esquema do mito de Barthes, da seguinte maneira:

Baseando-se no esquema semiológico segundo Barthes, podemos esquematizar, na tabela abaixo, a maneira como se compôs o processo de simbiose entre Juscelino Kubitschek e a cidade de Brasília, assim como a sua transformação em “Cidade do Futuro”.

1. Juscelino Kubitschek	2. Discurso da construção de Brasília		
3 e I. Presidente modernizador		II. Construção de Brasília	
III e I. Desenvolvimento e integração			II. Participação de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa no projeto
III. “Cidade do Futuro”			

Tabela 2 – Fonte: Beatriz Feijó de Medeiros

A construção de Brasília foi objeto de uma grande campanha de comunicação. Desde a sua campanha eleitoral, JK fez um uso inteligente desse conjunto de heranças, citações e representações, incorporando-as em seus discursos e projetos.¹⁰³ Os mínimos detalhes foram pensados com a intenção de aumentar a carga simbólica da nova capital.

Tudo o que foi publicado sobre a cidade, desde o governo de Juscelino Kubitschek até os dias de hoje, faz menção aos antecedentes da ideia de interiorização de Brasília, buscando por esse meio dar maior legitimidade à empreitada.¹⁰⁴ Remetem à Inconfidência Mineira, a Dom Bosco, a Hipólito José da Costa e a José Bonifácio e chamam atenção para o fato de que a transferência da capital possui respaldo constitucional desde o século XIX. Construiu-se, assim, uma expectativa em relação à cidade.

Em *brasília*, como já dito anteriormente neste trabalho, muitos são os artigos e matérias que abordam este assunto. Alguns exemplos: no nº 16, o texto “*Não há céticos em Brasília*”, de Moacyr Andrade; no nº 18, “*Determinismo histórico da*

¹⁰³ VIDESOTT, Luisa. *Narrativas da construção de Brasília*: mídia, fotografias, projetos e história. São Paulo: EESC – USP, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=165699, acesso em 12 out. 2012, p. 13.

¹⁰⁴ CEBALLOS, op. cit., p. 11.

mudança da capital” do Cônego Trindade; e no nº 20 os artigos “*Brasília e Amazônia*” e “*Vocação Histórica de Brasília*”, de Carlos Xavier Paes Barreto e Henrique Pinto Magalhães, respectivamente.

É interessante observar a teatralidade com que foi tratado o processo de construção da cidade. “A transformação do sítio original deveria ser realmente dramática, impressionante em suas dimensões e resultado”¹⁰⁵. Para isso, muitos fatos precisaram ser “maquiados” – ou até mesmo omitidos –, principalmente os acidentes e as péssimas condições de trabalho: Brasília não poderia, jamais, perder sua imagem de “Capital da Esperança”.

A primeira missa realizada na futura capital, celebrada no dia 3 de maio de 1957, foi um grande evento, largamente divulgado pelos meios de comunicação, ao qual compareceram milhares de pessoas, e remete inteiramente à primeira missa celebrada no Brasil, em abril de 1500. De acordo com Luisa Videsott,

Ressuscitando a missa de Frei Henrique de Coimbra, torna sagrado, antes de tudo, o nascimento de um novo Brasil. Aliás, essa “segunda primeira missa” é propalada nas revistas populares qual verdadeira descoberta do Brasil, pois nessa ocasião a própria Nação atua nos interesses de si mesma.

Figura 5: Foto da primeira missa de Brasília, em 3 de maio de 1957, publicada no n. 5 da revista *Brasília* e o quadro “*A primeira missa no Brasil*”, de Victor Meirelles, pintado em 1860.



Fonte: Arquivo Público do DF.

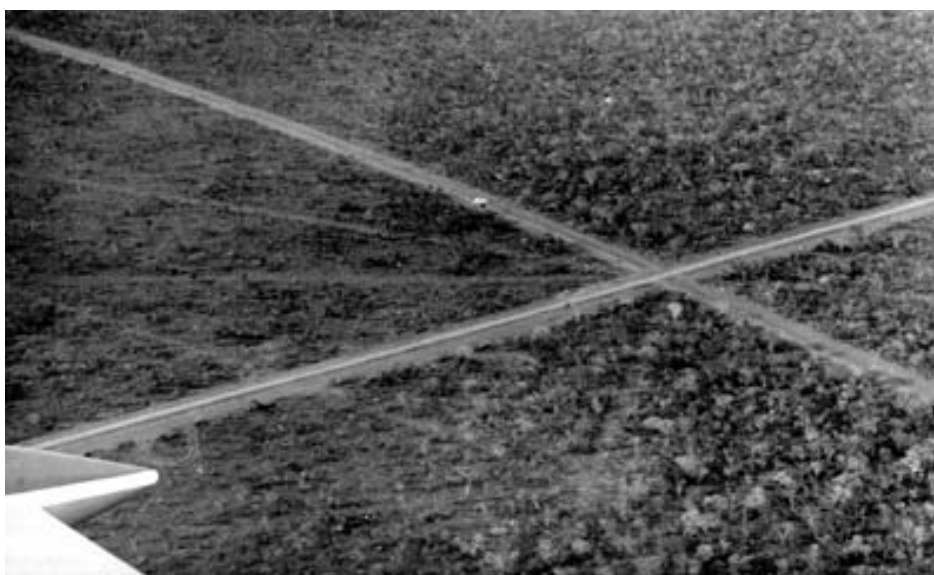
Em *brasília*, o artigo “*Brasília, a redescoberta do Brasil*”, de José Barbosa, no nº 26 da revista, aborda este assunto. Nele, o jurista e político compara a construção da cidade à chegada dos portugueses no século XVI e aos bandeirantes que, ainda

¹⁰⁵ BORGES, op. cit., p. 8.

nos séculos XVI e XVII, em plena era colonial, adentraram os sertões brasileiros procurando pedras e metais preciosos, além de serem responsáveis pela captura de escravos fugitivos e pelo aprisionamento de indígenas. Foram eles que, pelo desbravamento do território brasileiro, acabaram por expandi-lo para além das fronteiras determinadas pelo Tratado de Tordesilhas.¹⁰⁶

O próprio traço inicial do projeto de Lúcio Costa, uma cruz, pode ser interpretado tanto como uma simbologia cristã quanto como um símbolo de conquista territorial: “a grande Cruz, alçada sobre a noturna mata do cerrado para abençoar o novo bandeirante”¹⁰⁷.

Figura 6: O cruzamento dos Eixos Monumental e Rodoviário. Foto de Mário Fontenelle.



Fonte: Arquivo Público do DF

Podemos representar estes mecanismos que transformaram o interior do Brasil, “terra de índios e bandidos”, em “Capital da Esperança”, segundo o esquema de Roland Barthes, da seguinte maneira:

¹⁰⁶ BANDEIRANTES. Disponível em: <http://www.historiadobrasil.net/bandeirantes/>, acesso em 23 set. 2012.

¹⁰⁷ Moraes, Vinicius de. Sinfonia da Alvorada.

1. Sertão	2. Vazio		
3 e I. Brasil desconhecido		II. Antecedentes da idéia de interiorização da capital	
III e I. Construção de Brasília		II. Realização de anseios antigos	
III e I. Integração, colonização do Brasil pelo brasileiro			II. Primeira Missa celebrada em Brasília
III e I. Segundo descobrimento do Brasil			II. Campanha governamental nos meios de comunicação
“Capital da Esperança”			

Tabela 3 – Fonte: Beatriz Feijó de Medeiros

Portanto, podemos dizer que a análise dos principais mecanismos de mitificação de Brasília pode mostrar-nos o sucesso do processo de mitificação. Todos, pensados nos mínimos detalhes, transmitiram durante os três anos das obras a imagem de que, mais que uma cidade, o que estava sendo construído era um Brasil novo, desenvolvido, integrado, acessível e, acima de tudo, moderno.

3.7 A fabricação do consenso em *brasília*

A construção de Brasília não foi, desde o início, uma decisão com respaldo na sociedade. O projeto foi alvo de ataques de veículos como *O Correio da Manhã*, *O Jornal*, *O Globo* e *O Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro. Em São Paulo, *O Estado de S. Paulo* admitia a importância de Brasília do ponto de vista arquitetônico, mas criticava a construção como origem da inflação do período, enquanto a *Folha de S. Paulo* se mostrava favorável ao modelo econômico do novo governo.

Segundo o jornalista Ary Ribeiro, que veio para Brasília na época da construção como correspondente de *O Estado de São Paulo* e mora aqui até hoje,

Havia forte oposição a Juscelino dentro do Congresso e nos meios militares, e só aprovaram a construção porque a UDN de Goiás era a favor e porque certamente não acreditavam que a nova Capital fosse mesmo construída e muito menos concluída na sua gestão. A oposição, acredito, estava só

esperando por JK dar com os “burros n’água”, para acusá-lo de ter gasto um mundo de dinheiro à toa, numa obra faraônica e megalomânica.¹⁰⁸

Diante desse quadro, a revista *Brasília* assumiu, também, o papel de contribuir para o que o filósofo e linguista norte-americano Noam Chomsky chama de *fabricação do consenso*, título de um de seus livros, publicado em 1988 em parceria com Edward S. Hermann (*Manufacturing Consent – The Political Economy of the Mass Media*). O termo, segundo Chomsky, foi criado em 1922 por Walter Lippman, espécie de decano dos jornalistas norte-americanos, e seu sentido, para o linguista, é “um eufemismo orwelliano para controle do pensamento”.¹⁰⁹

Numa entrevista sobre o livro *Manufacturing Consent*, Chomsky lembrou que, quando se trata de “fabricar o consenso”, há dois grupos a serem considerados, dois alvos preferenciais da propaganda: o primeiro, “às vezes chamado de classe política”, corresponde “a talvez 20% da população que é relativamente instruída, mais ou menos articulada, e tem algum papel na tomada de decisões” – o que hoje pode ser classificado como “formadores de opinião”. “Supõe-se que essas pessoas participam de alguma forma da vida social – seja como administradores ou atores culturais como professores, escritores etc.”. Para o filósofo, obter o consenso desse grupo é fundamental.

O segundo grupo é aquele que precisa de “uma doutrinação profunda”, e corresponde a cerca de 80% da população, “cuja função principal é seguir ordens e não pensar, não prestar atenção a nada – e são esses que geralmente pagam a conta”.¹¹⁰

Ao definir o público de destino da revista *Brasília*, a Novacap – e, obviamente, o presidente Kubitschek – direcionou a distribuição justamente aos “formadores de opinião” – bibliotecas, universidades e colégios, no Brasil, e embaixadas, no exterior. Sintomaticamente, “os fascículos não eram enviados para expoentes políticos, como governadores ou prefeitos”¹¹¹: os que eram a favor já estavam alinhados ao projeto

¹⁰⁸ Depoimento concedido por e-mail à autora em 10/09/2012.

¹⁰⁹ CHOMSKY, Noam. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. Disponível em <http://www.chomsky.info/talks/19890315.htm>, acesso em 12 out. 2012.

¹¹⁰ CHOMSKY, Noam. *Excerpts from Manufacturing Consent; Noam Chomsky interviewed by various interviewers*. Disponível em: <http://www.chomsky.info/interviews/1992----02.htm>, acesso em 12 out. 2012.

¹¹¹ VIDESOTT, op. cit., p. 35.

do governo, e a oposição não se mostrava disposta a assimilar o discurso governista.

Apesar da oposição de boa parte da imprensa, porém, JK contava com o apoio de parte significativa dos veículos de comunicação – as revistas ilustradas, sobretudo a *Manchete*, grande divulgadora de suas propostas desenvolvimentistas e do slogan “50 anos em 5”. Segundo a pesquisadora Alzira Alves de Abreu, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a *Manchete* “foi a primeira empresa jornalística a instalar uma sucursal em Brasília”. Seu dono, Adolfo Bloch, desenvolveu “forte relação de amizade” com Juscelino, “o que levou inclusive a família do ex-presidente a decidir, quando da sua morte, em 1976, a velar seu corpo na sede da *Manchete*”, na praia do Russel, no Rio de Janeiro. A pioneira *O Cruzeiro*, segundo a pesquisadora, “apoiou sem muito alarde o governo JK”.¹¹²

Para Chomsky, campanhas de propaganda podem ser instituídas tanto pelo governo quanto por um ou mais grupos de mídia. “Algumas campanhas são iniciadas conjuntamente pelo governo e pela mídia; todas exigem a colaboração da mídia de massa”. Foi o caso da parceria Bloch-JK e *Manchete*-revista *brasília*.

A revista semanal da Editora Bloch – responsável também, a partir de 1959, pela publicação da revista *Brasília* – dedicou muitas de suas edições à “odisseia do Planalto” e, em 21 de abril de 1960, a edição histórica “fartamente ilustrada” sobre a inauguração de Brasília teve sua tiragem de 760 mil exemplares esgotada em 48 horas. Nela, a apropriação dos mitos tratados neste capítulo é explícita. O sino que anunciou a morte de Tiradentes, na mesma data, em 1792, também proclamou a inauguração da nova capital, como lembra a pesquisadora Lúcia Lippi Oliveira, também do CPDOC/FGV.

A revista relacionava a primeira missa rezada em Brasília, por ocasião da inauguração de uma capela em 1957, com a Primeira Missa do Brasil em 1500”, diz a pesquisadora, destacando ainda a relação entre o Plano Piloto e o sinal da cruz, com a explicação dada por Lúcio Costa de que a cidade “nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse.”¹¹³

¹¹² OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O governo JK nas páginas da Manchete*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Manchete>, acesso em 12 out. 2012.

¹¹³ Idem.

A aparente coincidência da iconografia usada pela *Manchete* e pela revista *Brasília*, portanto, não tem nada de casual. Como observa Chomsky,

[...] é extremamente importante, se a história deve ser moldada numa forma apropriada, que certas coisas sejam mostradas, outras não; que certas perguntas sejam feitas, outras sejam ignoradas; e que esses temas sejam enquadrados de uma forma particular”.¹¹⁴

Podemos, então, lembrar a questão da teatralidade. Ao que consta, nenhum grande veículo de comunicação da época divulgou os problemas da construção: as más condições de trabalho, as longas jornadas de trabalho, os muitos homens cujos corpos foram enterrados em valas comuns, o massacre dos operários da Pacheco Fernandes em 1959 etc. Muitos fatos desagradáveis da construção da capital foram totalmente encobertos pela mídia, moldando a história de maneira a fazer com que Brasília não perdesse sua carga simbólica de “Capital da Esperança”. Chomsky conclui: “Agora, no interesse de quem a história é moldada dessa maneira? Bem, acho que não é muito difícil responder.”¹¹⁵

¹¹⁴ CHOMKY, op. cit.

¹¹⁵ Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amado por muitos e odiado por outros tantos, o fato é que Juscelino Kubitschek conseguiu uma façanha que poucas pessoas seriam capazes. Empossado em um período de instabilidade política e econômica, num momento de pós-guerra e de recém democratização, além, é claro, de todas as cicatrizes deixadas na população após o suicídio de Getúlio Vargas, JK conseguiu atrair os olhos de toda a população com uma empreitada que tinha como objetivo principal levar o Brasil a um estágio de maior desenvolvimento econômico e social.

A figura do presidente é, hoje em dia, de tal maneira mitificada que poucos conseguem ver além da imagem desenvolvimentista que ficou marcada no imaginário das pessoas. Kubitschek é lembrado como um dos mais populares presidentes da história do Brasil, como o homem que começou a era de desenvolvimento e progresso que o país vive hoje, caminhando aos poucos em direção ao “primeiro mundo” dos países desenvolvidos.

O fato é que JK não ficou na história apenas por suas qualidades de perseverança, idealismo e popularidade. Por trás de tudo isso existiu uma grande campanha midiática, com uso brilhante da comunicação pelo governo, em parceria com diversos veículos de comunicação da época – em especial os da Editora Bloch. A criação da revista *brasília* foi apenas uma peça do grande mecanismo usado por JK para mitificar a sua pessoa e a cidade que estava construindo.

Após a pesquisa realizada para este trabalho, pode-se concluir que, apesar de simples, a revista estava totalmente inserida na realidade da época, no sentido em que as revistas ilustradas eram grandes propagadoras de informação e estavam bastante em voga nos anos 50. Com projeto gráfico moderno, muitas fotos, entrevistas, depoimentos, artigos e notas, dava respostas às críticas feitas em outros veículos e meios de comunicação. O público alvo era certo e muito bem pensado: os formadores de opinião.

Sem toda essa campanha conjunta do governo com a mídia, talvez Brasília nunca tivesse terminado de ser construída. Se perdesse o controle do que era publicado nos meios de comunicação, JK poderia ter sido escorraçado da Presidência, ridicularizado pela população e ficado para a posteridade como um

presidente fraco e que gastou bilhões irresponsavelmente, na construção de algo que não correspondia às necessidades e valores da época. No lugar disso, ficou conhecido como o simpático e popular médico mineiro, símbolo do populismo, que deu seu sangue junto com os candangos pela construção não apenas de uma cidade, mas de um Brasil melhor.

Creio que o objetivo geral deste trabalho - identificar os recursos utilizados pela revista no sentido de criar essa aura de “Capital da Esperança” – foi alcançado, assim como os objetivos específicos, de revisão bibliográfica e análise documental. A questão de como *brasília* ajudou na construção da imagem de “Capital da Esperança” também foi respondida. A revista fez uso do segundo mecanismo interno de controle do discurso, citado por Foucault, escolhendo para a publicação falas de sujeitos que eram qualificados e satisfaziam a certas exigências: pessoas do meio político e intelectual do Brasil. Assumi o papel de contribuir para a fabricação de um consenso em torno da concepção de que Brasília era uma boa ideia, escolhendo como público alvo - como dito anteriormente - os formadores de opinião: bibliotecas, universidades, colégios e embaixadas.

Além disso, a própria revista foi um dos mecanismos de mitificação da cidade, além de servir como importante suporte à fala mítica e reforçar vários outros mecanismos. A simbiose entre Brasília e Juscelino Kubitschek, por exemplo, foi explorada pela publicação, assim como a participação dos arquitetos modernistas Oscar Niemeyer e Lucio Costa, dando uma aura mais moderna e futurista à cidade. A constante retomada da história da ideia de interiorização capital, a farta propaganda em relação à primeira missa realizada na cidade e toda a teatralidade com o qual todo o processo de construção foi tratado pela mídia são outros exemplos de mecanismos explorados para a criação da imagem de Brasília como a “Capital da Esperança”.

Inicialmente, o propósito deste trabalho era verificar o chamado dos operários a Brasília: como, naquela época em que as comunicações eram ainda tão precárias, especialmente nos distantes sertões de onde os operários vieram, os homens ficavam sabendo da empreitada da construção de Brasília? Por que largavam tudo – trabalho, família, amigos – em suas cidades natais para correr para este grande canteiro de obras, muitas vezes sem nem saber o que iriam encontrar?

Infelizmente, a dificuldade de acesso a materiais sobre este tema tornou impossível desenvolvê-lo durante o período de produção deste TCC. Apesar de tentativas recentes de resgatar as narrativas dos candangos, a história oficial de Brasília ainda dá pouquíssima ênfase a estes homens que, no final das contas, foram os principais personagens da construção da cidade.

Para pesquisas futuras, considero interessante aprofundar o estudo do processo de mitificação pelo qual a cidade e o presidente passaram, baseando-se talvez em outros meios de comunicação, como os jornais da época, o rádio e a televisão – que, apesar de ainda embrionária, já exercia um imenso fascínio na população.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de. *Imprensa*. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Imprensa>, acesso em 12 out. 2012.
- ALBUQUERQUE, Gabriela; SANTANA, Maria Aparecida; RIFFEL, Cristiane Maria. *Comunicação Governamental ou divulgação governamental? Um estudo de caso da prefeitura de Navegantes/SC*. Disponível em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2007/trabalhos/gt7/gt7_riffel.pdf, acesso em 13 out. 2012.
- ALMEIDA, Ivete Batista da Silva. Uma nova forma de ver o mundo: as revistas ilustradas semanais. *Fatos&Versões*, Urberlândia. v. 3, n. 6. p. 38-56, 2011.
- ANGELO, Vitor Amorim de. *Inconfidência Mineira: Movimento foi resposta aos excessos de impostos*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/inconfidencia-mineira-movimento-foi-resposta-ao-excesso-de-impostos.jhtm>, acesso em 26 ago. 2012.
- APRESENTAÇÃO de Ceilândia – RA IX. Disponível em: http://www.ceilandia.df.gov.br/045/04503001.asp?sICD_ORIGEM=26671, acesso em 2 set. 2012.
- A HISTÓRIA do rádio no Brasil. Disponível em: <http://www.abert.org.br/site/images/stories/pdf/AHistoriadoR%C3%A1dionoBrasiVERSaO%2020112.pdf>, acesso em 7 out. 2012.
- A INVENÇÃO de Brasília. Produção de Renato Barbieri, Brasília, Videografia e TV Cultura, 2001. DVD, 55 min.
- BANDEIRANTES. Disponível em: <http://www.historiadobrasil.net/bandeirantes/>, acesso em 23 set. 2012.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1982.
- BEU, Edson. *Expresso Brasília*. LGE, 2006.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é comunicação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- BORGES, Lucia. *O grande cenário*. Disponível em: https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:tm1C__kYWMSJ:www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/download/744/719+&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShANPbJPtVcTJ1PMmIXMJsPu0KAI9kAsGlvVmQ264rslbKerV508vs3sandpQrH6I3ba_AkDdz4XoCOZQ5rYft8G3TEzxOR_AyBidIIRpl-

FIFWoZDLJGvk6jg6dLSmNxFw85Fv&sig=AHIEtbQnaoVi7joSXwTLLrhRyifnyZZsow, acesso em 12 out. 2012.

BRASÍLIA, contradições de uma cidade nova. Direção de Joaquim Pedro Andrade. Brasília, 1967. DVD, 23 min.

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. A revista Brasília na construção da Nova Capital: Brasília (1967-1962). *Risco*, São Paulo, v. 11. p. 43-57, 2010.

CARVALHO, Leandro. *Governo Juscelino Kubitschek*. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiab/juscelino-kubitschek.htm>, acesso em 27 ago. 2012.

CAUSOS e causas do cinquentenário de Brasília. Disponível em <http://cbn.globoradio.globo.com/series/CASOS-E-CAUSOS-DO-CINQUENTENARIO-DE-BRASILIA/2010/04/29/OS-CANDANGOS-QUE-CONSTRUIRAM-BRASILIA.htm>, acesso em 1 set. 2012.

CEBALLOS, Viviane Gomes de. *“E a história se faz cidade...”*: a construção histórica e historiográfica de Brasília. Campinas: UEC, 2005.

CENSO 2010: população do Brasil é de 190.732.694 pessoas. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766, acesso em 22 out. 2012.

CHOMSKY, Noam. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. Disponível em <http://www.chomsky.info/talks/19890315.htm>, acesso em 12 out. 2012.

CHOMSKY, Noam. *Excerpts from Manufacturing Consent; Noam Chomsky interviewed by various interviewers*. Disponível em: <http://www.chomsky.info/interviews/1992----02.htm>, acesso em 12 out. 2012.

CONTERRÂNEOS Velhos de Guerra. Direção de Vladimir Carvalho, Brasília, 1990, DVD, 168 min.

COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CULTURA Brasileira. Disponível em: <http://archistoriatextos.blogspot.com.br/2006/09/cultura-brasileira-anos-50.html>, acesso em 7 out. 2012.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 12 ed. São Paulo: Edições Loyolla, 2005.

GARCIA, Afrânio. Tipos de Discurso. *Soletras*, ano III, n. 5 e 6. p. 186-190. São Gonçalo: UERJ, 2003.

HISTÓRIA de Taguatinga. Disponível em:
http://www.taguatinga.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=4345, acesso em 2 set. 2012.

A HISTÓRIA do rádio no Brasil. Disponível em:
<http://www.abert.org.br/site/images/stories/pdf/AHistoriador%C3%A1dionoBrasiVERSaO%2020112.pdf>, acesso em 7 out. 2012.

KUBITSCHEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.

LIMA, Vivi Fernandes de; BELISÁRIO, Adriano. Pioneiros da Capital: *candangos falam sobre pesada carga horária e o massacre de 1959*. Disponível em:
<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/pioneiros-da-capital>, acesso em 1 set. 2012.

MONTENEGRO, Erica. *Arquivo Público relança "Brasília"*. Metro. Brasília, 11 set. 2012, p. 06. Disponível em: http://publimetro.band.com.br/pdf/20120911_Brasilia.pdf, acesso em 23 set. 2012.

MOURÃO, Tânia Fontenele; OLIVEIRA, Mônica Ferreira Gaspar de. *Poeira e batom no Planalto Central*. Brasília, 2010.

NEGRO, Antonio Luigi. Resenhas. *Revista de História*. São Paulo, n. 164, 2011. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0034-83092011000100012&script=sci_arttext, acesso em 1 set. 2012.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O governo JK nas páginas da Manchete*. Disponível em:
<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Manchete>, acesso em 12 out. 2012.

OLIVEIRA, Márcio de. *Brasília: o mito na trajetória da nação*. Brasília: Biblioteca Brasília, 2005.

OS CANDANGOS que construíram Brasília. Disponível em
<http://cbn.globoradio.globo.com/series/CASOS-E-CAUSOS-DO-CINQUENTENARIO-DE-BRASILIA/2010/04/29/OS-CANDANGOS-QUE-CONSTRUIRAM-BRASILIA.htm>, acesso 1 set. 2012.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *O capital da esperança*. Brasília: Unb, 2008.

SALATIEL, José Renato. *60 anos da TV no Brasil: da improvisação ao vivo à era digital*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/atualidades/60-anos-da-tv-no-brasil-da-improvisacao-ao-vivo-a-era-digital.htm>, acesso em 7 out. 2012.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SANTOS, Eustáquio; MENEZES & MORAIS; PANTOJA, Terezinha. *Audácia, perseverança e fé: a epopeia do Núcleo Bandeirante*. Brasília: Cidade, 1994.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*. 3 ed. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1997.

VASCONCELOS, Adirson. *A epopeia da construção de Brasília*. Brasília: Centro Geográfico do Senado Federal, 1989.

VIDESOTT, Luisa. *Narrativas da construção de Brasília: mídia, fotografias, projetos e história*. São Paulo: EESC – USP, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=165699, acesso em 12 out. 2012.

VIDESOTT, Luisa. Informações, representações e discursos acerca das arquitetura-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília. *Risco*, v. 11, São Paulo. p. 32-42, 2010.

